

A CONTRIBUIÇÃO DO MONSENHOR AGENOR NEVES MARQUES PARA A COMUNICAÇÃO SUL CATARINENSE

Rafael Farias Niero¹

Karina Woehl de Farias²

Resumo: Este artigo apresenta a trajetória de Monsenhor Agenor Neves Marques, que como padre e pároco na cidade de Urussanga/SC realizou intervenções para além da sua função como sacerdote. Participou ativamente da elaboração de processos de comunicação falada e escrita, como a fundação da Rádio Marconi e de uma gráfica para publicação de livros e outros documentos escritos. Além disso, trabalhou na denúncia e combate de injustiças sociais e políticas, assumindo o papel de liderança comunitária. Assim, este trabalho teve como objetivo descrever a contribuição do Monsenhor para a comunicação no sul catarinense, por meio de uma pesquisa histórica, documental e bibliográfica, utilizando como ferramentas a história oral por meio de entrevistas não estruturadas com pessoas que tiveram contato direto com o padre. Com base na pesquisa, foram criadas categorias de análise para interpretação dos dados e apresentação da influência do Monsenhor nos diferentes meios de comunicação. Padre Agenor sempre viveu à frente do seu tempo, servindo de inspiração aos contemporâneos de sua época, foi pioneiro na disseminação da comunicação em Urussanga e região em diferentes meios, sempre com a missão de comunicar, evangelizar e transformar.

Palavras-chave: Monsenhor Agenor Neves Marques; Comunicação; História Oral; Rádio Marconi.

1 INTRODUÇÃO

A palavra comunicação tornou-se popular, de uso abrangente, para definir a relação do homem com os seus semelhantes. Tornou-se um canal de disseminação de padrões de vida e cultura que acontece por meio da intermediação realizada por diferentes canais. Cada tipo de comunicação possui suas especificidades, no entanto, alguns elementos são comuns, tais como: fonte, mensagem, codificador, canal, receptor e decodificador. Com o advento da Revolução Industrial, os meios de comunicação têm avanços que possibilitaram o alcance da mensagem a muitas pessoas e a fixação desta no espaço tempo (CRISTOFORI, 2006).

Dentro dos processos de comunicação, o livro é considerado o primeiro veículo de reprodução em massa, depois disso vieram os jornais periódicos, fotografia, rádio, cinema, televisão e mais recentemente a internet. Os profissionais que utilizam a comunicação como

¹ Acadêmico de Jornalismo da Faculdade Satc. E-mail: rafaelniero@hotmail.com

² Professora de Jornalismo da Faculdade Satc. Mestre. E-mail: kakifarias@hotmail.com

meio de trabalho têm um papel muito importante na coleta de informações, apuração de conteúdos e elaboração da mensagem que será transmitida, papel que um padre no Sul de Santa Catarina conseguiu desempenhar muito bem.

Desde a década de 1950, quando a Rádio Marconi foi criada, o seu fundador, padre Agenor Neves Marques, foi um visionário. Contrariando muitas pessoas e instituições, ele foi responsável direto por ampliar a comunicação na cidade de Urussanga/SC. Desenvolveu uma forma de se comunicar com a população e evangelizar por meio de cartas enviadas por seus ouvintes no rádio. Além disso, foi escritor, publicou livros em gráfica própria, sendo autor de poemas, poesias e hinos do município e da região.

Diante da notoriedade do padre no Sul do Estado, este trabalho relata a contribuição de Monsenhor Agenor Neves Marques para o sul catarinense com foco em seus feitos na comunicação. O objetivo geral do estudo, portanto, é entender a trajetória do Monsenhor e a relação com os meios de comunicação na região sul catarinense. Para isso, estipulou-se como objetivos específicos: conhecer a história de vida de Monsenhor Agenor Neves Marques; explorar materiais bibliográficos sobre a vida do padre, incluindo livros de sua autoria; coletar e analisar materiais do padre impressos na Gráfica Paraíso; aplicar e analisar entrevistas com pessoas que tiveram contato direto com o Monsenhor.

Por ser uma figura de grande relevância social, Monsenhor já foi objeto de estudo em outras pesquisas, incluindo trabalho deste autor em um projeto experimental de rádio do curso de Jornalismo da Faculdade SATC com o título “Monsenhor Agenor Neves Marques e o voo da Andorinha Mensageira”, que posteriormente foi apresentado no Prêmio ACIC de Jornalismo e recebeu a premiação de primeiro lugar na categoria Rádio. Além disso, foi apresentado no III Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação na Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC no ano de 2018, tamanha a relevância do pároco para a região.

No tocante aos procedimentos metodológicos, do ponto de vista de sua natureza esta pesquisa é básica. Já com relação à abordagem do problema, é qualitativa. No que se refere aos objetivos, é exploratória. De acordo com Gil (2008), a abordagem qualitativa propicia um aprofundamento da investigação, trazendo um contato direto com a situação estudada, os dados coletados são descritivos e o material obtido nessas pesquisas é rico em declarações de pessoas, situações, acontecimentos, fotografias, desenhos, documentos, etc. Em relação ao caráter exploratório proporciona mais familiaridade com o problema,

envolvendo levantamento bibliográfico e entrevistas com pessoas experientes no tema pesquisado, assumindo geralmente uma forma de pesquisa bibliográfica e estudo de caso.

Com relação aos procedimentos técnicos, é bibliográfica e documental, com o intuito de promover o resgate da trajetória do Monsenhor Agenor Neves Marques e a valorização da cultura regional. Consiste primeiramente em coletar, estudar e sistematizar materiais já publicados por outros autores dentro do tema comunicação. Também foi realizada a coleta e análise de documentos produzidos pelo Monsenhor e publicados na Gráfica Paraíso, fundada e administrada por ele.

De acordo com Lakatos e Marconi (2007), a pesquisa bibliográfica tem como finalidade colocar o pesquisador em contato direto com aquilo que já foi publicado sobre o assunto. Em relação à pesquisa documental, os autores pontuam que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, que podem ser escritos ou não, constituindo-se como fontes primárias de estudo.

Além disso, foram realizadas entrevistas não estruturadas com pessoas ligadas diretamente ao Monsenhor Agenor Neves Marques e seu contato com o desenvolvimento na comunicação, utilizando como ferramenta a história oral, que, conforme Lakatos e Marconi (1992), explora amplamente a temática com perguntas abertas que podem ser respondidas dentro de uma conversação informal. Mais especificamente sobre a ferramenta de história oral, Nunesmaia, Silva e Neto (2013) descrevem que é baseada no depoimento gravado e na memória do sujeito que está sendo entrevistado, portanto são três os elementos que constituem a condição mínima da história oral: o entrevistador, o entrevistado e a aparelhagem de som.

Por fim, foram criadas categorias de análise para sistematização e apresentação dos dados coletados durante a pesquisa. As categorias de análise aprofundaram as vivências do padre no que diz respeito à comunicação em alguns tópicos como: Monsenhor e a comunicação, a voz do Monsenhor: do veludo aos vinhedos, evangelizar para transformar, não apenas livros e o lado poético do Monsenhor.

2 UM PADRE VISIONÁRIO NA REGIÃO

Monsenhor Agenor Neves Marques nasceu na cidade de Palhoça, no dia 10 de outubro de 1914. Foi ordenado padre no dia 29 de dezembro de 1940 em Tijucas, e posteriormente fez parte das dioceses de Florianópolis (até 1954), Tubarão (até 1998) e

Criciúma. Em 29 de setembro de 1947 passou a desenvolver suas atividades na cidade de Urussanga, onde permaneceu até a sua morte, no ano de 2006, aos 91 anos (BESEN, 2017).

Iniciou as atividades como vigário, sendo nomeado pároco em 1948, permanecendo nessa função até 1987. Besen (2017) destaca que esse era um período difícil para os padres de origem alemã, pois eram atacados como quinta-coluna e espiões nazistas. Descreve que o padre Agenor utilizava o púlpito para responder aos ataques, e sua voz era muito respeitada. “Nascia ali um tribuno competente e convincente, um orador sacro” (BESEN, 2017, p. 1).

Maestrelli (2019) traz uma consideração: “padre Agenor tinha uma imperfeição com reflexo negativo para a história. Raramente escrevia seus discursos e pronunciamentos memoráveis. Foi impossível salvá-los!” Coloca que eles eram praticamente todos feitos no improviso, “pois era dono de uma oratória infernal”. Destaca ainda que alguns foram salvos com o advento do gravador.

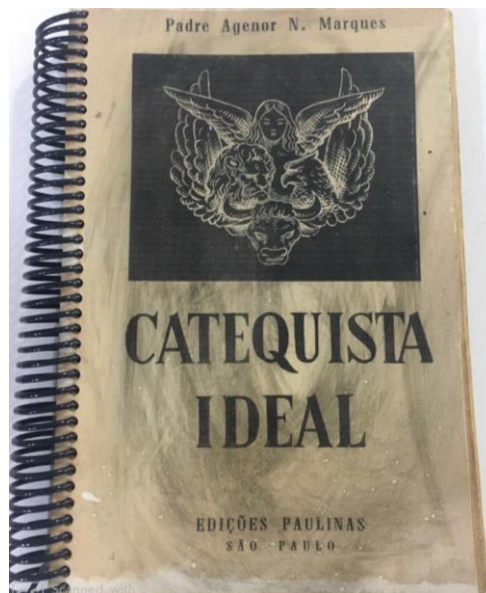
Ministrou catequese para crianças e adultos, participou de movimentos populares e políticos, e por fim dedicou-se às pessoas mais necessitadas (BESEN, 2017).

Com certo exagero alguém escreveu que Monsenhor foi apicultor, aviador, acadêmico, padre, pai, pesquisador, poliglota, político, poeta, motoqueiro, radialista, rotariano, soldado, sociólogo, orador, escritor, pediatra, historiador. Pode-se dizer que foi tudo isso e de tudo um pouco, mas, especialmente, sacerdote, e sacerdote escritor (BESEN, 2017, p.1).

Em 1942, quando atuava na Paróquia São José, em Criciúma, fundou a Casa da Criança, que atualmente é o Colégio São Bento, confiado às Irmãs Benedictinas. Sua atuação de maior intensidade foi na cidade de Urussanga, onde fundou o Paraíso da Criança com capacidade para abrigar até 150 crianças em situação de vulnerabilidade social. A casa funcionou durante 55 anos com base nessa estrutura. Porém, atualmente, trata-se de uma casa de passagem onde, após um tempo, as crianças são encaminhadas para adoção ou retornam a seu lar. Para desenvolver o trabalho social, fundou entidades como a Sociedade das Damas de Caridade, a Gráfica Paraíso e a Malharia, cujo lucro era direcionado para manutenção dos desamparados (BESEN, 2017).

Dedicou-se à catequese de crianças e adultos e fazia visitas aos mineradores de carvão, onde buscava compartilhar a prática sacramental. Nesse contexto, escreveu e publicou em 1955 a obra *Catequista Ideal*, conforme observado na figura 1, sendo que no mesmo ano foi nomeado Diretor do Ensino na Arquidiocese de Florianópolis (BESEN, 2017).

Figura 1: Livro Catequista Ideal



Fonte: Arquivo da Academia de Letras de Urussanga. Foto: Rafael Farias Niero.

O padre tinha um envolvimento político forte, era do Partido Social Democrático (PSD) e do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), contrariando grande parte do clero udenista, do Partido União Democrática Nacional (UDN). Tinha admiração por Getúlio Vargas e sua linha de pensamento político ocasionou conflitos com as autoridades. “Devido à sua forte liderança e do significado religioso de sua pessoa, a opção política não interferiu no relacionamento com o povo, mas sim, com as autoridades. Pela sua Rádio Difusora atacava os candidatos udenistas, apoiando os pessedistas e petebistas” (BESEN, 2017, p. 1).

No ano de 1951 fundou a Rádio Marconi, e na sequência seu programa radiofônico de maior impacto social, o Andorinha Mensageira. Farias, Sousa e Niero (2018) pontuam que o programa se firmou na história do rádio catarinense como aquele de maior duração sem interrupção e em atividade, completando 68 anos no ar em 2019. Seu ápice aconteceu nas décadas de 50, 60 e 70, quando balaios de cartas chegavam à Casa Paroquial de Urussanga pedindo bênçãos, conselhos, opiniões, confidenciando segredos e histórias que se estendiam do “Planalto Serrano até as brancas areias do Atlântico Sul” (FARIAS; SOUSA; NIERO, 2018, p. 6). Na revista Panorama da Nossa Gente (2016) apresentou-se o programa como aquele que se firmou na história da rádio catarinense como o de maior duração.

Sobre a implantação da atual Rádio Marconi, Machado e Torres (2000) colocam que inicialmente ele teve um grande desafio ao tentar identificar a pessoa que detinha a

concessão para instalação da rádio em Urussanga, conseguindo encontrá-la no Rio Grande do Sul, já na divisa com o Uruguai. Os autores destacam ainda que: “[...] atribui-se, com justiça, ao atual e respeitável Monsenhor Agenor tudo o que serviu de mola propulsora para dinamizar a então diminuta e acanhada Urussanga” (MACHADO; TORRES, 2000, p. 66). Relatam sua contribuição na ampliação do perímetro urbano e expansão da cidade de Urussanga, através de uma mediação com os colonos que insistiam em manter imensas propriedades rurais às margens da Praça Anita Garibaldi, localizada na região central.

Pertenceu à Academia Internacional dos Poetas (cadeira Clarice Lispector de nº 255), Academia Urussanguense de Letras (membro fundador da Cadeira 15) e Academia São José de Letras (cadeira Monsenhor João Nepomuceno Manfredo Leite de nº 6). Também escreveu o hino do município de Urussanga e diversos outros hinos da região, como Jaguaruna, Morro da Fumaça, Grão Pará, Cocal do Sul e Timbé do Sul (BESEN, 2017).

No ano de 1988 inaugurou o Museu Histórico Municipal de Urussanga Monsenhor Agenor Neves Marques, que conta com imagens de santos, objetos religiosos e diversos objetos recolhidos que explicam a vida e o trabalho dos primeiros colonos e imigrantes que chegaram às cidades de Urussanga e Nova Veneza (BESEN, 2017).

Em entrevista concedida ao Jornal Vanguarda, no ano de 2003, por motivo de sua inauguração, Monsenhor destaca que o primeiro Jornal que fundou na cidade também recebia este nome. A respeito dessa nova opção de leitura (jornal impresso), Monsenhor destaca em sua entrevista que é uma oportunidade de expressar conhecimentos, alargar ideias e difundir Urussanga. É um novo órgão de comunicação que possibilita conhecer o que era, o que é, e um pouco do que será (VANGUARDA, 2003).

3 MONSENHOR E A COMUNICAÇÃO

Para compreender a contribuição de Monsenhor Agenor Neves Marques para a comunicação no sul catarinense, foi necessário conhecer a sua história de vida, explorar materiais bibliográficos sobre o padre, incluindo livros de sua autoria e aplicar entrevistas com pessoas que tiveram contato direto com ele. O delineamento da pesquisa teve um caráter documental com a utilização da ferramenta de história oral, que, conforme Bosi (2003), possibilita o uso das memórias como mediadoras de pessoas e épocas. Em relação ao uso das memórias por intermédio da ferramenta da história oral, Bosi (2003, p. 15) descreve que “a memória pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do

passado”. Além das entrevistas, Nunesmaia, Silva e Neto (2013) pontuam que imagens, documentos e registros históricos também podem ser utilizados como fonte de coleta de dados para a história oral.

Após a coleta dos dados, foram criadas categorias de análise para aprofundar a relação do padre com a comunicação, delimitadas pelos assuntos: rádio, religião, publicações escritas e o lado poético do Monsenhor. As categorias foram descritas a partir do levantamento bibliográfico, fotográfico, documental e as entrevistas realizadas com o engenheiro, historiador e ex-presidente da Academia de Letras de Urussanga, Sérgio Roberto Maestrelli e a atual apresentadora do Programa Andorinha Mensageira, Rosa Miotello.

Maestrelli (2019) sinaliza que é difícil definir qual foi a primeira profissão de Agenor Neves Marques: se padre ou comunicador. Chegou no município de Urussanga no final da Segunda Guerra Mundial com a missão de cuidar dos fiéis e fortalecer a fé dos cristãos. “Suas armas para fortalecer a fé católica do povo foram estabelecer ações que buscassem uma abrangência maior do que aquela concentrada nos fiéis que frequentavam a Igreja Matriz e suas capelas”.

Essas armas, conforme Maestrelli (2019), o padre buscou nos meios de comunicação falados e escritos. Revela que “desde cedo ele (Monsenhor) revelou intimidade e proximidade com a comunicação”. Na imprensa falada se aliou a políticos e amigos e fundou a Rádio Marconi, na década de 50, para propagar a fé. Diante deste ato, Maestrelli pontua que “todas as capelas foram compelidas a adquirir rádios para que pudessem ouvir a Andorinha Mensageira e a palavra do Senhor através das missas irradiadas”.

Em seguida, mergulhou na comunicação da palavra escrita que conforme Maestrelli (2019) apresentou-se em diversas formas como: “discursos históricos em momentos solenes, edição de dezenas de livros sobre história e religião e a criação de hinos, poemas e poesias”. Sobre os meios de comunicação, mais especificamente daqueles com atuação em massa, Cristofori (2006) considera que eles foram se desenvolvendo com o advento da Revolução Industrial.

Convencido de que os meios de comunicação cada vez mais eram aliados e necessários para a evangelização, ele fundou a Gráfica Paraíso, que funcionou por vários anos no prédio histórico ao lado do Paraíso da Criança, em Urussanga. Com a impressão de textos procurava despertar nos fiéis o interesse pelos principais problemas sociais, econômicos e culturais. Dentre as principais produções da gráfica, Maestrelli (2019) lembra que tiveram materiais sobre catecismo, publicações religiosas infantis, orações pedindo a intenção de

santos e santas, folhetos em papel jornal que divulgavam as principais ações religiosas da igreja, folhetos das festas religiosas das capelas localizadas no interior, poemas e poesias para datas solenes, propagandas políticas, panfletos políticos provocativos e impressão de textos para despertar nos fiéis o interesse por temas sociais.

Maestrelli (2019) lembra que o padre tinha um direcionamento de produção material para o público jovem. Conforme o historiador, “ele estimulou por meio dos materiais impressos a formação de grupos como a UNI JUR (União da Juventude de Urussanga), com panfletos conclamou a população a formar o Museu Municipal”. Lembra que ele escreveu também inúmeros artigos e incentivou jornais locais como o antigo Vanguarda, do qual foi um dos fundadores. Monsenhor trabalhou na disseminação de informações nos diferentes meios de comunicação em massa, sendo o primeiro a explorar alguns deles na cidade de Urussanga.

3.1 A VOZ DO MONSENHOR: DO VELUDO AOS VINHEDOS

A atual Rádio Fundação Marconi foi criada em 10 de fevereiro de 1951 pelo Monsenhor Agenor Neves Marques com o nome Rádio Difusora de Urussanga Ltda, tendo como sócios também Rosalino Damiani, Moacyr Búrigo, José Trento e Américo Cadorin. Somente no dia 19 de outubro do mesmo ano a rádio recebeu uma Portaria Ministerial que permitia o seu funcionamento no prefixo ZYT – 22 e utilizava o slogan *A Voz de Veludo*, em referência ao estúdio da emissora que era revestido com tecido aveludado (COSTA, 2016).

Até ser feita uma ampliação na Casa Paroquial para abrigar o estúdio, escritório e auditório da rádio, a emissora funcionou durante um ano dentro da Igreja Matriz. Costa (2016) relembra que a inauguração desse novo espaço aconteceu no Natal, com a Missa do Galo na Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição de Urussanga, onde o Monsenhor Agenor abençoou os equipamentos para a nova etapa de transmissão.

A partir da década de 70, a rádio começou a passar por mudanças físicas, até se encontrar na localização atual. Naquela década já era denominada Rádio Fundação Marconi e funcionava sob o comando da Paróquia. A emissora tornou-se, por meio de Lei Municipal, um veículo de utilidade pública. Sua primeira mudança foi para o Edifício Kennedy, construído por organizações religiosas. Somente na década de 90, sob o comando do pároco Daniel Sprícigo e uma comissão, a rádio ganhou uma sede própria, localizada na Rua Paraíso da Criança, ao lado da Casa Paroquial, onde se mantém até os dias atuais. Na rua funcionava

o Paraíso da Criança, casa fundada também pelo Padre Agenor, onde eram abrigadas crianças em situação de vulnerabilidade social, uma das mais importantes obras sociais e educativas da região sul do Estado (COSTA, 2016).

O Monsenhor criou uma espécie de *slogan* para a emissora: *A Voz dos Vinhedos*. Ele o usava constantemente em seus programas, evidenciando a potencialidade vinícola da região de Urussanga. Na década de 2000, o gerente da emissora, Roberto Campos, que já tinha o prefixo AM 780, pediu autorização para que essa expressão utilizada pelo padre se tornasse o slogan oficial da Fundação Marconi (FARIAS; SOUSA; NIERO, 2018).

Seu programa de maior impacto na Rádio Marconi, de acordo com Farias, Sousa e Niero (2018), foi a Andorinha Mensageira, que se mantém em atividade até os dias atuais. Conforme Maestrelli (2019), ele iniciou o programa como *O Microfone de Deus* e depois passou a se chamar Andorinha Mensageira. “Então há praticamente 68 anos, numa primeira etapa com o padre, depois o padre e a Rosa, e atualmente com a Rosa, o programa está há mais de 68 anos levando orientação, alento, conforto espiritual e alegria para todos os recantos do sul catarinense”.

Rosa Miotello, atual apresentadora do programa Andorinha Mensageira, começou a trabalhar com o Monsenhor em 1975 por ter forte identificação com a Igreja Católica. “Um dia estava ali na igreja e o padre Agenor por algum motivo pediu que eu auxiliasse na leitura de algumas cartas. A partir daquele dia, 2 de abril de 1975, todos os domingos e todas as vezes que havia o programa de Andorinha Mensageira eu participava” (MIOTELLO, 2019).

Com o auge do programa e a audiência por todo Estado, diversas correspondências eram destinadas ao Padre Agenor. Conforme Miotello (2019), a contagem era impraticável, pois balaios e balaios ficavam abarrotados de cartas na sede da emissora. Os conteúdos das cartas continham pedidos de bênçãos, busca de conselhos e orientações sobre os mais variados assuntos, como por exemplo conselhos amorosos.

Atualmente, a emissora é ativa na região sul do estado e conhecida por produzir conteúdo de gênero popularesco, como notícia, serviço, entretenimento e futebol. Operava na frequência AM 780 com alcance de 20 municípios entre a serra, sul e extremo sul catarinense, contemplando aproximadamente um milhão de pessoas. Além disso, implantou a rádio via internet, ultrapassando as barreiras do dial. Outras ferramentas utilizadas pela emissora para alcançar um número maior de público são as redes sociais e o site (MACCARI, 2016).

A rádio também passou recentemente por um processo de migração para a frequência FM, com base em uma exigência da Anatel. Aconteceu oficialmente no dia 18 de

julho de 2018, e a rádio passou a ser transmitida exclusivamente pela FM 99.9, tendo uma nova frequência, com som mais limpo e sem ruídos (RÁDIO MARCONI, 2018).

Conforme sinaliza Farias, Sousa e Niero (2018), a história da Rádio Marconi está estritamente ligada ao contexto religioso e à figura de Monsenhor Agenor, visto que desde a sua fundação os párocos do município contribuíram com o meio de comunicação, incluindo a função da direção da emissora, fato que ocorreu por volta dos anos de 1970. A presidência da Fundação já passou por quatro representantes: Agenor Neves Marques, Daniel Sprícigo, Jiovani Manique Barreto e Daniel Pagani (atual). Conforme Maestrelli (2019), antes mesmo da fundação da rádio, no ano de 1948, o padre colocou alto-falantes na casa paroquial e na torre da igreja matriz, para disseminar os recados à população.

3.2 EVANGELIZAR PARA TRANSFORMAR

Conforme Maestrelli (2019) e Besen (2017), Monsenhor apostava que os meios de comunicação eram importantes aliados para a evangelização, pois dessa forma as ações alcançavam um número maior de fiéis. Inicialmente teve complicações com o bispo, que dizia ser um sacrilégio expandir a palavra de Deus para espaços fora da Igreja. Maestrelli (2019) recorda que o padre dizia que precisava atingir os doentes que estavam em casa e não podiam vir na missa. Durante as celebrações o padre sempre mencionava: “Você que está em casa me ouvindo e não pode vir aqui na igreja, você que está doente acamado, lembre-se você que está aí acredite na fé, acredite em Deus, eu estou contigo e estou rezando por você todas as noites”. Acreditava que a pessoa que estivesse doente, ao ouvir estas palavras, poderia se animar em termos psicológicos (MAESTRELLI, 2019).

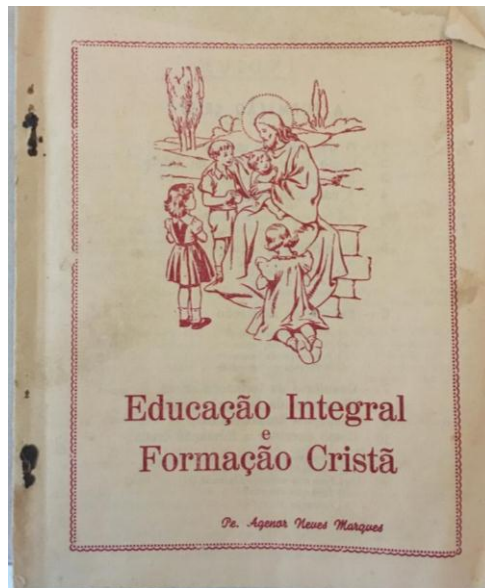
Ferrarreto (2001) destaca que o cientista e professor Edgar Roquette-Pinto, pai do rádio no Brasil na década de 1920, acreditava que este veículo era o meio em que a comunicação conseguiria alcançar os excluídos, da mesma forma que Monsenhor compreendia a importância do rádio. Além disso, Roquette-Pinto via neste meio um viés para a disseminação da educação e uma forma de democratizar o acesso ao conhecimento para toda população brasileira. “O rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças; o consolador do enfermo; o guia dos sãos, desde que o realizem com espírito altruísta e elevado” (ROQUETTE-PINTO, apud FERRARETO, 2001, p. 97).

O padre precisou ser resistente às ordens do bispo e da Igreja Católica, para pôr em prática suas ideias e transmitir as missas pelo rádio. Segundo Maestrelli (2019), nos registros do livro Tombo da cidade de Urussanga constava que o padre era um rotariano, mesmo sabendo que padres não poderiam participar de reuniões do Rotary naquela época. Ele mencionava que fazia parte dessa organização pois entendia que era um clube de serviços que poderia se colocar à disposição das pessoas. “Então teve uma resistência velada, o bispo não vinha a público dizer que era contra, mas sabia-se que tinha resistência”. Em relação ao livro Tombo, Maestrelli (2019) sinaliza que deve conter registros do pároco da cidade, em ordem cronológica, de todos os eventos relevantes acontecidos naquela paróquia. Durante o tempo em que foi pároco, padre Agenor fazia registros diários das ações da paróquia na comunidade urussanguense (MAESTRELLI, 2019).

Miotello (2019) afirma que o padre gostava de dar catequese, organizar eventos e congressos na igreja, sempre envolvendo os jovens. Resolveu escrever um livro, “O Catequista Ideal”, que trazia um delineamento de como os catequistas deveriam conduzir os seus trabalhos com crianças e adultos utilizando estratégias para vivenciar o amor de Deus. “Era toda uma preparação de como o catequista deveria trabalhar, de que forma ele teria que trabalhar, que não era só chegar e fazer a criança decorar” (MIOTELLO, 2019). Em entrevista ao Jornal Vanguarda no ano de 2003, Monsenhor fala com muito orgulho dessa obra, afirmando que ela está na biblioteca do Vaticano como um dos melhores livros de pesquisa sobre catequese (VANGUARDA, 2003).

Além disso, usava sua gráfica para produzir documentos que seriam subsídios para o catecismo na cidade, como pode ser observado na figura 2, sua produção Educação Integral e Cristã. O padre expandia a evangelização em diferentes meios, além do rádio, via nas produções escritas uma forma de tornar público seus ideais. Algumas publicações tinham foco na cidade de Urussanga e entornos, de tradição italiana e catolicismo fervoroso. Publicações como Educação Integral e Formação Cristã foram norte para instruir as pessoas sobre a forma de catequisar os jovens da região (MIOTELLO, 2019).

Figura 2: Caderno Educação Integral e Cristã



Fonte: Arquivo da Academia de Letras de Urussanga. Foto: Rafael Farias Niero.

3.3 NÃO APENAS LIVROS

Monsenhor pertenceu à Academia Internacional dos Poetas (cadeira Clarice Lispector de nº 255), Academia Urussanguense de Letras (membro fundador da Cadeira 15) e Academia São José de Letras (cadeira Monsenhor João Nepomuceno Manfredo Leite de nº 6). Conforme Besen (2017), escreveu diversas obras, dentre elas: *Catequista Ideal* (1955); *Metodologia do Catecismo* (1962); *Imigração italiana* (1977); *Magnólia Branca* (1978); *Apicultura em Marcha* (1980); *Magos* (1980); *História de Urussanga* (1990); *Abelha Maravilha* (1993); *Clarice em branco, Lispector em preto* (2005).

Seu legado na área de comunicação alcançou também publicações com reproduções em larga escala. Para ter autonomia em suas publicações e angariar fundos para a manutenção de sua obra social Paraíso da Criança, o padre fundou a Gráfica Paraíso, que foi meio de publicação e reprodução de seus materiais escritos. De acordo com Besen (2017), por meio da divulgação de seus textos procurava despertar nos leitores interesse pelos principais problemas sociais, econômicos e culturais.

Miotello (2019) lembra que ele fez pesquisas e começou a estudar e trabalhar diretamente com abelhas, sendo assim, produziu diversas publicações com esse direcionamento. O primeiro dos livros escritos foi *Apicultura em Marcha* (1980), sendo posteriormente disseminado nos congressos de apicultura juntamente com as cartilhas dos

apicultores. Ele fazia orientações sobre como esses profissionais deveriam se organizar, o que tinham que fazer e como deveriam tratar as abelhas. “O livro *Apicultura em Marcha* era como se fosse uma cartilha e aqueles que participavam dos congressos falavam que era a bíblia do apicultor”. Depois disso ele criou em Urussanga a escola de apicultura, eram cursinhos rápidos de orientação que funcionava na casa onde ele morava. “A partir de então, começou a criar cartilhas, a número 1, 2, 3, 4, 5 e fez também a *Abelha Maravilha* (1993) que eram só poemas para as crianças” (MIOTELLO, 2019).

Figura 3: Livro *Apicultura em Marcha*

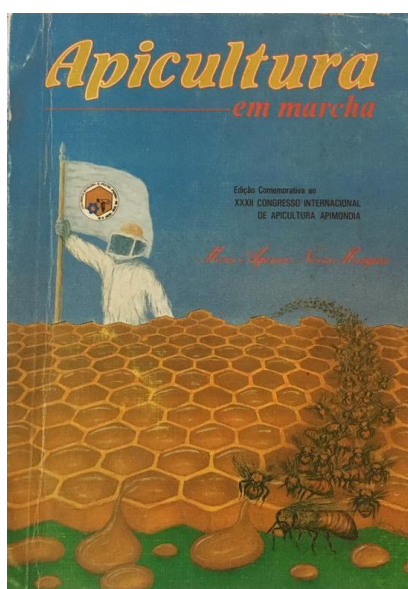
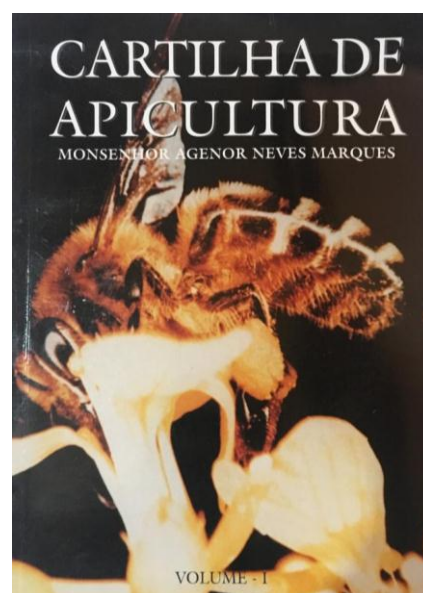


Figura 4: Cartilha de Apicultura



Fonte: Arquivo da Academia de Letras de Urussanga. Foto: Rafael Farias Niero.

Miotello (2009) recorda que o padre trabalhou imensamente na construção do livro *Imigração Italiana*, em homenagem ao centenário de Urussanga em 1978, trazendo detalhes de “quais as famílias que vieram, o que cada família passou, os ataques dos índios, o que os italianos faziam com os índios e tudo aquilo que aconteceu no início” (MIOTELLO, 2019). Procurou disseminar essas informações da imigração italiana de uma forma mais acessível e assim lançou o livro *A História de Urussanga* no ano de 1990. Conforme Rosa Miotello (2019), “foi distribuído em todos os colégios para que as crianças pudessem estudar a história de Urussanga de uma forma mais fácil”.

Figura 5: Livro Imigração Italiana

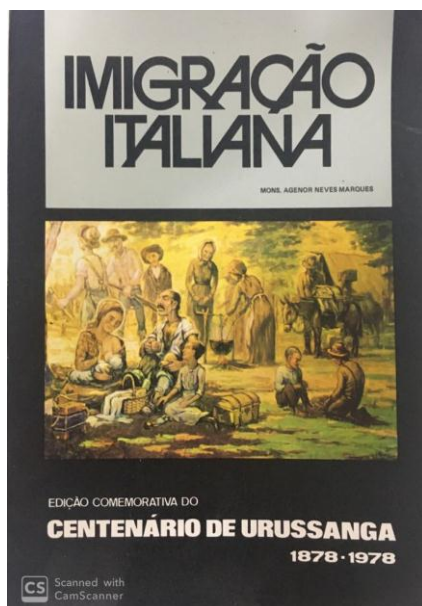


Figura 6: Livro História de Urussanga



Fonte: Arquivo da Academia de Letras de Urussanga. Foto: Rafael Farias Niero.

Ainda em relação à homenagem ao centenário de Urussanga, Monsenhor organizou e publicou a obra *Magnólia Branca* (1978), composto de poesias, poemas e hinos, muitos deles de sua autoria. Em relação à flor *Magnólia Branca*, conforme Marques (1978), passou a ser considerada a partir do ano de 1977 a flor oficial da cidade de Urussanga.

Figura 7: Livro *Magnólia Branca*



Fonte: Arquivo da Academia de Letras de Urussanga. Foto: Rafael Farias Niero.

Machado e Torres (2000) definem Monsenhor como uma mola propulsora que dinamizou a pequena cidade de Urussanga, figura que contribuiu em diversos aspectos para a expansão da cidade. Seu lado comunicólogo permitiu que se engajasse em inúmeras causas sociais, que são lembradas e evocadas até os dias atuais. Bosi (2003) afirma que a memória é um intermediário informal da cultura de diferentes épocas e vivências, e a história oral a ferramenta que faz com que a memória se torne viva e palpável para as pessoas por intermédio do ato da fala.

Nessa perspectiva, Barbosa (1995) afirma que ao se debruçar sobre o passado, a história evocada faz uma seletiva reconstrução do passado. Neste caso, considera que o jornalista e o historiador estão no centro deste teatro. Ambos carregam suas análises a partir da própria visão, colocam sua singularidade pessoal, sua subjetividade na narrativa que estão desenvolvendo.

O último livro publicado com produções de sua autoria, *Clarice em Branco Lispector em Preto*, foi escrito no ano de 1994, quando Monsenhor ficou hospitalizado em decorrência de uma crise asmática. Nesse período aprofundou-se na produção literária da autora e na sequência discorreu sobre ela e sua obra. Porém, somente no ano de 2005 Valdemir Miotello, também padre e escritor, reuniu o escrito e promoveu a publicação que agora já está em sua segunda edição (MARQUES, 2005), conforme observado na imagem que segue abaixo. Na época Monsenhor escolheu a autora por ser convidado a fazer parte da Academia Internacional de Poesias de Porto Alegre, sendo disponibilizada a cadeira de Clarice Lispector, como sinaliza Miotello (2019).

Figura 8: Livro *Clarice em Branco Lispector em Preto*



Fonte: Arquivo da Academia de Letras de Urussanga. Foto: Rafael Farias Niero.

Maestrelli (2019) menciona também que o padre fez textos para despertar os principais problemas sociais que eram função do Estado, mas que na época não tinha atuação nessa área. Conforme exemplifica Maestrelli (2019), “ele colocava os problemas das pessoas doentes no papel para dizer, precisamos de um raio X no hospital, precisamos ajudar o hospital na maternidade, então ele colocava tudo isso no papel e distribuía para população em forma de campanha, imprimia em sua gráfica e espalhava”.

Monsenhor desempenhava relevante função social de forma espontânea, trazendo práticas jornalísticas de intervenção e transformação da sociedade, mesmo sem o conhecimento técnico da área. O jornalismo, conforme Perdomo (2015), tem o papel social de revelar para as pessoas os problemas que acontecem, prestando, de certa forma, um serviço público a população. Deve ser um meio de ajudar a sociedade a compreender o mundo e os seus acontecimentos.

Marcondes Filho (apud FREITAS, 2006, p. 18), ao discutir sobre a função social do jornalismo com foco nas demandas locais e regionais, denominado jornalismo comunitário, afirma que “[...] pode ser muito útil para a população de determinada comunidade, pois contribui para melhorar as condições de vida e ajudar a reivindicar junto ao poder público, dar mais força política e impacto junto à sociedade”.

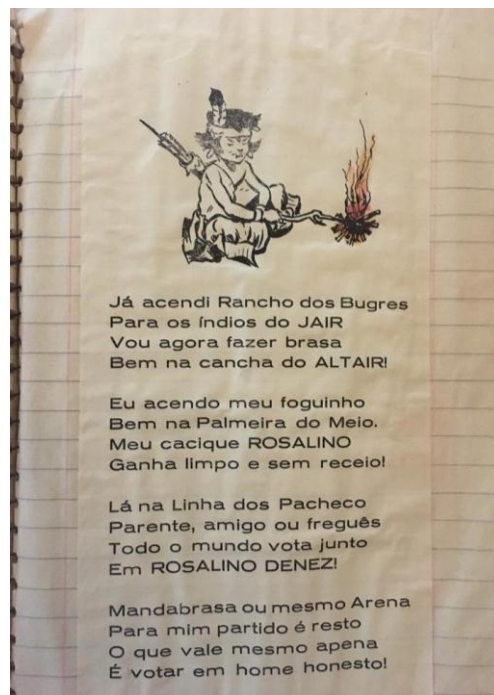
A preocupação do jornalismo comunitário, área explorada pelo Monsenhor na comunicação, é trazer pautas com discussões na esfera micro, que possuem relevância para comunidades específicas, visto que geralmente sua produção está ligada a uma zona geográfica delimitada, que na maioria dos casos não é tão grande. “A cobertura dos fatos gira em torno de acontecimentos da região e faz com que a população se veja refletida nos acontecimentos locais” (FREITAS, 2006, p. 26).

Monsenhor tinha uma preocupação especial com as crianças e jovens. Fez muitos panfletos dirigidos aos jovens para formação de grupos. Maestrelli (2019) relembra: “Teve a UNIJUR (União da Juventude de Urussanga) que foi um grupo famoso aqui na década de 70”. Além disso, o historiador afirma que “com panfletos conscientizava a população, assim como foi para criar o Museu Municipal, ele fez vários panfletos que diziam - vamos guardar nossa história antes que não tenha nada para guardar” (MAESTRELLI, 2019).

O padre tinha grande relação e envolvimento com a política, Maestrelli (2019) coloca que o padre sempre mencionava que a política era o único caminho para resolver as coisas. Já Miotello (2019) diz que por ter facilidade em criar versos políticos e a gráfica para fazer a impressão, Monsenhor fazia folhetos com versos pedindo voto a seus aliados e

atacando os partidos de sua oposição, como ilustrado no panfleto da figura 9. Apesar disso, Miotello (2019) ressalta que “mesmo tendo um partido se dava bem com todos, pois as pessoas tinham uma admiração muito grande por ele”, colocando em evidência o carisma e a estima do padre nessa região.

Figura 9: Panfleto de política vereador Rosalino Denez



Fonte: Arquivo da Academia de Letras de Urussanga. Foto: Rafael Farias Niero.

Usava sua gráfica para trazer em evidência todos os materiais que necessitavam de publicidade, Miotello (2019) pontua que o padre fazia inúmeros folhetos com convite de festas para todas as capelas da cidade, fazia orientações em forma de conselhos que eram entregues nas missas, estimulando as pessoas a participarem. Também fazia folhetos onde colocava os horários das missas, novenas e demais recados religiosos que deveriam alcançar um maior número de pessoas. Na figura 10, é possível observar um informativo produzido pelo padre e compartilhado com seus fiéis, referente aos ensinamentos da missão realizada pelos padres capuchinhos na cidade de Urussanga no ano de 1957.

Figura 10: Folheto lembrança da missão dos padres capuchinhos



Fonte: Arquivo da Academia de Letras de Urussanga. Foto: Rafael Farias Niero.

Maestrelli (2019) diz que Monsenhor escreveu também muitos artigos para jornais e incentivou o trabalho desse veículo na comunidade, “foi um dos baluartes do Jornal Vanguarda”. Em entrevista concedida ao Jornal Vanguarda no ano de 2003, data do lançamento do veículo, o padre lembrou que o primeiro jornal da cidade tinha este nome, e que ele estava entre os seus idealizadores (VANGUARDA, 2003).

3.4 O LADO POÉTICO DO MONSENHOR

Conforme Besen (2017), Monsenhor tinha muitas inspirações, escreveu os hinos dos municípios de Urussanga, Jaguaruna, Morro da Fumaça, Grão Pará, Cocal do Sul e Timbé do Sul. Miotello (2019) diz que aconteceu primeiramente na cidade de Urussanga quando começou a organizar a Secretaria de Educação e assumiu a cadeira. Percebeu que Urussanga não tinha bandeira, hino e brasão. “Então ele começou a preparar, organizou, montou a bandeira de Urussanga, o brasão e o hino. Organizou também o hino do imigrante, que conta a vinda dos imigrantes italianos para cá” (MIOTELLO, 2019). Na figura 11, é possível observar o documento de posse da Academia de Letras de Urussanga, com rabiscos do Monsenhor, utilizados na construção do hino da cidade de Urussanga.

Após essas produções para Urussanga, os municípios da região recorreram ao padre para que ele escrevesse o hino em homenagem à história de cada cidade. Conforme

Miotello (2019), “gostava tanto de escrever hinos que participou de um concurso do hino da apicultura, a nível nacional, e ganhou. O hino do apicultor de Santa Catarina também é de autoria dele”.

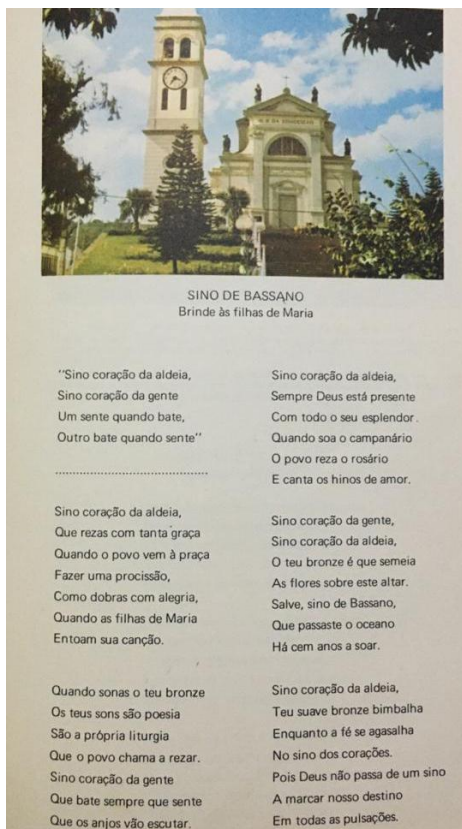
Figura 11: Hino de Urussanga



Fonte: Arquivo da Academia de Letras de Urussanga. Foto: Rafael Farias Niero.

Com sua sensibilidade, trabalhou com a função poética da linguagem, sendo autor de diversos poemas e poesias em homenagem a símbolos, pessoas e instituições de importância local. Na figura 12, Monsenhor faz uma homenagem ao Sino de Bassano da Igreja Matriz da cidade de Urussanga, apresentado no livro Magnólia Branca em comemoração ao centenário da cidade. Os sinos de Bassano chegaram em Urussanga no ano de 1904 a pedido do pároco Luigi Marzano, são quatro sinos pendurados no alto da torre, o dos Anjos, das Tempestades, de Nossa Senhora e o sino Solene. Foram instalados somente na década de 20 e a partir de então são entoados de acordo com a cerimônia e os diferentes acontecimentos da cidade (PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, 2015).

Figura 12: Homenagem ao Sino de Bassano



Fonte: Arquivo da Academia de Letras de Urussanga. Foto: Rafael Farias Niero.

Diante disso, Monsenhor ficou reconhecido na região também pela sistematização da vida por meio de produções com viés artístico. Fortuna (2014) afirma que a arte é uma fonte de emissão de informações, com técnicas específicas para a transmissão e com finalidade de intenção. A linguagem da arte tem códigos e signos que se diferenciam, por exemplo, do texto jornalístico informativo. A arte é compreendida como a atividade humana ligada às manifestações de ordem estética ou comunicativa, realizada por meio de uma variedade de linguagens, como: arquitetura, desenho, escultura, pintura, escrita, música, dança, teatro e cinema, e suas combinações. Monsenhor se ateve principalmente a disseminação de produções artísticas por meio das linguagens escritas e musicais, conforme observado nos relatos e imagens acima.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trazer em evidência a história de Monsenhor Agenor Neves Marques, figura de grande respeito e admiração no sul catarinense, coloca em evidência trechos da história local que por vezes ficam esquecidas ou não alcançam o público mais jovem. Assim, são extremamente relevantes para a construção e o fortalecimento da identidade local e memória da região. Como acadêmico foi muito gratificante e inspirador conhecer os caminhos trilhados por este padre visionário, principalmente no que diz respeito aos seus feitos na comunicação.

Academicamente, este trabalho tornou-se uma grande experiência principalmente no que se refere à memória regional com o aprofundamento de registros documentais e de histórias narradas nos campos social, político e religioso da região, sempre relacionando ao foco de estudo deste trabalho, a comunicação. Para Bosi (2003), é preciso conservar a arte de narrar. A autora entende que isto estimula a troca de experiências e gera aprendizado. Nesse processo o narrador é o personagem da história e a narração se transforma em registro; a passagem do registro oral para o escrito passa a ser de fato uma história construída por ambos os lados, narrador e ouvinte.

Homem visionário, Padre Agenor sempre viveu à frente do seu tempo, servindo de inspiração a todos que foram contemporâneos à sua época. Conforme dizia em seu programa Andorinha Mensageira, “a comunicação é uma das coisas mais importantes do planeta, pois através dela os homens se comunicam, se entendem, ou brigam, ou rezam, mas de qualquer forma cultuam a Deus”.

Observa-se, desta forma, que o objetivo proposto pelo presente trabalho - entender a trajetória do Monsenhor e a relação com os meios na região sul catarinense - foi alcançado. Ao se explorar materiais bibliográficos sobre a vida do padre, incluindo livros e outras publicações de sua autoria, aplicar e analisar entrevistas com pessoas que tiveram contato direto com o Monsenhor, foi possível identificar sua notória interferência e estimulação na comunicação regional.

Ao término deste trabalho conclui-se que Monsenhor foi pioneiro no uso de estratégias de comunicação na região, e sua versatilidade em transitar nos diferentes meios abriu portas para intervenções de grande impacto social, sendo um dos contribuintes para o desenvolvimento regional. Sua afinidade com os públicos considerados minoritários fez com que por vezes assumisse o papel de porta-voz de transformações sociais. Sua preocupação com pautas locais e regionais, fez com que se identificasse com a modalidade de jornalismo comunitário, que, de acordo com Freitas (2006) faz com que a população se veja refletida nos acontecimentos que estão sendo veiculados.

Conforme Maestrelli (2019), “o padre foi vários espíritos em um corpo só, várias vidas, várias profissões, ele fez o que uma pessoa normal não faria. O que diferenciava ele de outros padres é que os outros padres não tinham familiaridade para isso”. Nessa afirmação o pesquisador se referiu aos seus feitos e envolvimento com os diferentes meios de comunicação como espaço para evangelização e transformação social. Sobre como se define, Monsenhor expressou em sua entrevista para o Jornal Vanguarda no ano de 2003: “[...] porque fui, sou e continuarei sendo até o último suspiro um dos comunicadores desta minha terra” (VANGUARDA, 2003, p. 1).

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. **Senhores da verdade**. Intercom. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo: Vol. XVIII, nº2, jun./ dez. 1995, p.84-101. Disponível em: <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/1259/1212>. Acesso em: 16 de out. 2019

BESSEN, Pe. José Artulino. **Monsenhor Agenor Neves Marques**. 2017. Disponível em: <https://pebesen.wordpress.com/padres-da-igreja-catolica-em-santa-catarina/Monsenhor-agenor-marques-ministro-da-palavra/>. Acesso em: 12 de mai. 2019.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p.244.

CHISTOFORI, Elaine Cunha. **O jornalismo do futuro: o processo de comunicação do jornalismo digital**. Projeto Experimental da Faculdade de Comunicação Social. Juiz de Fora: UFJF, FACOM, 2006, 88 p. Disponível em: <http://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/ECChistofori.pdf>. Acesso em: 15 de jun. 2019.

COSTA, Márcia Marques. **Especial 65 anos Fundação Marconi**. Panorama Nossa Gente, Urussanga: Costa Editorial, 2016.

FARIAS, Karina Woehl de. SOUSA, Charles de. NIERO, Rafael Farias. **O voo da andorinha mensageira nas ondas do rádio urussanguense**. Universidade do Extremo Sul Catarinense. III Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação. Criciúma: 2018, 45-52 p. Disponível em: periodicos.unesc.net/congressoeducacao/article/download/4529/4141. Acesso em: 12 de mai. 2019.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. 2.ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001, 378p.

FREITAS, Viviane Belizario de. **O papel social do jornalismo comunitário: um estudo do Jornal Cantareira**. Centro Universitário Nove de Julho. São Paulo: 2006, 51 p. Disponível em:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/freitas-viviane-papel-social-do-jornalismo-comunitario.pdf>. Acesso em: 15 de jun. 2019.

FORTUNA, Marlene. **Arte: um meio de comunicação e educação no aprimoramento da personalidade**. 2014. 14p. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/097ef92e6dd2c4858e9d24e2640e5872.pdf>. Acesso em: 15 de jun. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2007. 228 p.

MACCARI, Eliana. Marconi: **A mensageira do povo há 65 anos**. Jornal Vanguarda. 2016. Disponível em: http://www.jvanguarda.com.br/site2012/2016/02/05/warning-htmlespecialchars-function-htmlespecialchars-charset-8859-1-not-supported-assuming-iso-8859-1-in-home2jvanguarpublic_htmlesite2012wp-includesformatting-php-on-line-3310-240/. Acesso em: 24 de ago. 2017.

MACHADO, Agilmar. TORRES, Osvaldo. **História da Comunicação no Sul de Santa Catarina**. BTC Comunicação Ltda. Criciúma: 2000, 247p.

MAESTRELLI, Sérgio Roberto. Entrevista concedida a Rafael Farias Niero. Urussanga, 15 de mai. 2019.

MARQUES. Monsenhor Agenor Neves. **Clarice em Branco Lispector em Preto**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2º ed., 2007, 78p.

MARQUES, Monsenhor Agenor Neves. **Magnólia Branca**. Edição comemorativa do Centenário de Urussanga. Criciúma: Editora e Gráfica Ribeiro, 1978, 80p.

MIOTELLO, Rosa. Entrevista concedida a Rafael Farias Niero. Urussanga, 15 de mai. 2019.

NUNESMAIA Ananda Lia Santana. SILVA, Arielle Pinto. NETO, João Batista Soares. **Possibilidades de utilização da História Oral na Produção Científica em Marketing**. IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade. Brasília, 2013, 15p. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnEPQ188.pdf>. Acesso em: 01 de set. 2019.

PANORAMA DA NOSSA GENTE. **Especial 65 anos Fundação Marconi**. Urussanga: Costa Editorial, 2016.

PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. **Os sinos da matriz**. 2015. Disponível em: <https://www.paroquiaurussanga.com.br/single/os-sinos-da-matriz-#>. Acesso em: 15 de out. 2019.

PERDOMO, Nidiane Saldanha. **A função social do jornalismo no mercado de notícias**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Monografia de graduação. Porto Alegre: 2015,

62p. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/125969/000972046.pdf;sequence=1>. Acesso em: 12 de out. 2019.

RÁDIO MARCONI. A notícia que o AM 780 não deu!. 2018. Disponível em:

<https://radiomarconi.net/2018/11/06/a-noticia-que-a-am-780-nao-deu/>. Acesso em: 09 de set. 2019.

VANGUARDA. Monsenhor Agenor Neves Marques. Entrevista em 02 de março de 2003.

2003. Disponível em: <http://www.jvanguardia.com.br/site2012/2003/10/02/Monsenhor-agenor-neves-marques/>. Acesso em: 09 de jun. 2019.